

O Menino e a Pomba da Paz

Naquele tempo, andava o Menino a passear pelo olival com um grande saco de estopa ao ombro. Eram chegados os dias curtos e frescos. No céu de um intenso azul mediterrânico, delicados farrapos de nuvens alongavam as franjas diáfanas sem ousar lançar sombras sobre a terra beijada de leve pelo Sol de Inverno. Uma aragem ternurenta, presságio dos grandes frios, insinuava-se pela manhã, revigorando rostos e disposições. Aproximavam-se dias de festa.

José, o carpinteiro, acabava de consertar um banco da sinagoga quando Jesus entrou.

- Então, miúdo – perguntou, endireitando as costas -, que trazes aí?

O Menino olhou em redor antes de, quase cerimoniosamente, poisar o saco no banco acabado de consertar.

- Ramos de oliveira para a Pomba da Paz – respondeu, abrindo o saco para revelar um verdadeiro tesouro de raminhos de folhas lanceoladas de um verde acinzentado. – Para a Festa das Luzes. Demorei-me um pouco mais, porque este ano, precisamos de muitos ramos.

José estudou brevemente aquela estranha criança cujos olhos negros cintilavam como as estrelas das noites sem luar, ou como as ondas do mar da Galileia em noites de lua cheia, e pareciam conter toda a sabedoria de todos os tempos. Sempre estranhara aquele filho, que não sendo propriamente desobediente, desde cedo revelara uma vontade muito própria, decerto mais talhado para rabi do que para artesão.

- E vais agora procurar a Pomba da Paz, no meio de tantas pombas que por aí andam a esvoaçar? – José lançou a pergunta com um sorriso, como se desconhecesse a resposta.

- Eu sei onde ela mora, e sei que está à minha espera – na testa morena desenhou-se uma pequena ruga, como um ligeiro amuo; aquele breve diálogo era como um ritual que se repetia por aquela altura do ano desde que o Menino começara a correr pelo olival.

- Sempre poderá esperar mais um pouco – José arrumou os seus utensílios, pôs ao ombro o saco de carpinteiro e deu a mão ao filho. – O Sol vai alto, está na hora do almoço. A tua mãe já deve estar à nossa espera.

- Oh, não! – o Menino recuou um passo, libertando-se da mão paterna. – Hoje não tenho tempo para almoçar! Eu e a Pomba, temos uma grande viagem pela frente!

- Vais apanhar uma galera para Roma? Achas que levas nesse saquito ramos de oliveira suficientes para espalhar pelos milhares de romanos das coortes?

- Não, meu pai; este ano temos de viajar no tempo.

- Outra vez?!

- Que posso eu fazer? – Jesus encolheu os ombros. – Os homens estão cada vez mais teimosos e egoístas, e há muito trocaram o coração por pedras! Mas não custa nada tentar...

- Nesse caso, que poderei eu argumentar?... Podemos, pelo menos, contar contigo para a Festa das Luzes?

- Sem dúvida! A propósito – o Menino rebuscou no saco e entregou a José um ramito com duas folhas envergonhadas que pareciam querer esconder-se uma à outra -, aqui tens para as candeias, a menorá e os fritos da festa! Penso que deve bastar...

José ficou-se por momentos a contemplar, intrigado, o minúsculo raminho, que de um instante para o outro desatou a desabrochar, pujante, e a cobrir-se de inúmeras azeitonas negras, grandes e luzidias; e ao levantar os olhos, percebeu que Jesus partira já.

A Pomba da Paz vivia numa pequena cova escondida por um arbusto do olival, um local secreto conhecido apenas de Jesus e de alguns dos mais santos rabis da Galileia. O Menino foi encontrá-la aninhada no canto mais remoto, encolhida na sua mantinha às riscas.

- Bom dia, Pomba! Estás pronta para a grande viagem?

- Ai, não! – gemeu o pobre animal, aconchegando-se um pouco mais na manta. – Este ano não saio daqui! É que, de todo, não vale a pena! Ninguém quer saber de mim! Nem de mim, nem sequer de ti, o que ainda é maior vergonha! Leva antes uma águia ou um abutre, ou qualquer outra rapina que seja do teu agrado! E troca os ramos de oliva por qualquer coisa venenosa! Não vale a pena abrir a boca para falar de paz, quando a nossa voz é abafada pelo troar dos canhões e pelo escárnio da prepotência, da hipocrisia e do egoísmo! Tudo isso me põe de tal maneira doente, que nem consigo arranjar coragem para procurar alimento!

- Não pode ser, Pomba! Temos de ir! O século XXI precisa de nós!

- Pois sim! Há dois anos, disseste-me o mesmo a respeito do século XX...

- Bem sei; não foi um tempo perfeito, mas conseguimos despertar algumas consciências, e muita coisa melhorou em termos de fraternidade e de justiça, tanto que, no ano passado, não precisámos de viajar para tão longe...

- Já te esqueceste de que os povos se agitaram com duas guerras mundiais, e mais todas as outras guerrinhas que se lhes seguiram? E a guerra fria? E a soberba dos homens a negar Deus e a proclamar aos quatro ventos que conseguiam, eles sim, criar vida? E a crueldade para com os mais frágeis? E toda a sabedoria antiga, virada de pernas para o ar? Não; a Humanidade já não tem conserto; mas se quiseres, ainda te acompanho ao tempo dos Descobrimentos, para esclarecermos dois ou três pontos na cabeça dos jesuítas... que, ainda por cima, se acharam no direito de se fazer chamar pelo teu nome!

- Nem tudo o que fizeram foram asneiras, terás de concordar...

- Não desvies o assunto! – a pomba escondeu o bico na manta e aconchegou-se ainda um pouco mais. – Sabes tão bem como eu que se aproxima uma nova guerra mundial, e deves saber muito melhor do que eu, como tudo vai acabar! É como te digo, não vale a pena! Além disso, és demasiado grande para que eu possa levar-te às cavalitas no voo através do tempo!

- Sabes que posso tornar-me do tamanho de uma formiga!

- Nem pensar! A minha cor tão alva torna-me um alvo demasiado fácil para os canhões dos senhores da guerra! E também já não sou muito jovem, nem tão destemida como nos dias de Noé e da arca! Segue o meu conselho: chama uma rapina e vai matar, um por um, todos os loucos que encontrares pelo caminho!

- Não é essa a minha missão, Pomba...

- Pois havia de ser! Tu que tudo sabes, não desconheces a espécie de gratidão e de recompensa que te hão-de dar os loucos do nosso tempo! Os que aí vêm foram-se apurando!

- Só conheço um remédio para tanto pessimismo!

Jesus assobiou com toda a força, e logo surgiu junto de si uma enorme avestruz.

- Pomba, apresento-te a Leila! Com as suas penas negras e a sua velocidade, não será detectada pelos canhões, nem pelos senhores da guerra!

- Deves estar a brincar comigo! As avestruzes não voam!

- Mas que comentário tão desagradável! – protestou Leila. – Vou mostrar-te que sei voar!

Jesus só teve tempo de agarrar na Pomba da Paz, mantinha e tudo, enfiá-la no saco de estopa e saltar para o dorso de Leila, que logo levantou voo a caminho do Túnel do Espaço-Tempo e do século XXI, ano 2022.

Sobrevoaram os continentes num rápido reconhecimento.

Viram povoações calcinadas pela guerra e pela lava, submersas por formidáveis inundações e arrasadas por indomáveis furacões e terremotos; viram florestas de árvores negras que erguiam ramos descarnados em súplica, chorando por si e por todas as criaturas que os fogos postos haviam tornado em cinzas, onde antes as aves cantavam em desafio e as corças, os lobos, os ursos, as raposas e os javalis viviam a vida que lhes estava destinada; ouviram os gritos de horror de homens, mulheres e crianças que fugiam de assassinos implacáveis, e dos que, não conseguindo escapar, eram barbaramente chacinados; viram centenas de fugitivos a tentar atravessar o Mediterrâneo ou a aventurar-se no Atlântico; viram perseguições religiosas e étnicas, e ouviram chamar liberdade de expressão à repressão de opiniões diversas; ouviram o choro débil de milhares de crianças a morrer de fome, de sede, de frio e de doenças impiedosas; ouviram o pranto das viúvas e dos órfãos à volta do mundo; viram toxicodependentes embalados no isolamento do seu torpor, à espera da morte; sobrevoaram campos de refugiados e viram famílias abrigadas

debaixo de pontes; viram terrenos de cultivo ao abandono, cereais decapitados e animais tresmalhados vagueando ao acaso; e viram também cidades muito iluminadas e barulhentas, de ruas peçadas de gente que se acotovelava impiedosamente e crianças a fazer birra, e pedintes para quem ninguém sequer dirigia o olhar ao entrar nas igrejas.

- Que se passa ali em baixo? – perguntou Leila, alongando o já de si longo pescoço. – Que é que faz correr todo aquele povo? Estarão a fugir de alguém?

- Fogem de si próprios – esclareceu a Pomba da Paz. – Aproxima-se a véspera do Natal, e todos se julgam na obrigação de comprar prendas para toda a gente que conhecem, até mesmo para aqueles a quem trataram mal durante o resto do ano. Todos querem ter a casa mais enfeitada e a melhor ceia para oferecer aos convidados, que recebem à porta com grandes sorrisos, tantas vezes fingidos! Devia ser uma época de reflexão, de verdadeira solidariedade, de amizade, de perdão, de reconciliação, mas afinal...

- E que comemoram eles na véspera de Natal, Pomba?

- Vê lá tu, comemoram o nascimento aqui do nosso amiguinho, mesmo não sabendo ao certo a data em que ele nasceu! E como os reis do Oriente lhe trouxeram prendas, toda esta gente sente uma necessidade imperiosa de empanturrar as crianças com brinquedos!

- Brinquedos?...

- Ouro, incenso e mirra – corrigiu Jesus. – Ouro, incenso e mirra me ofertaram os reis do Oriente, e todas as crianças do mundo terão ao longo da vida o seu quinhão de ouro, incenso e mirra.

- É a mais pura das verdades – concordou a pomba. – Mas repara como, de ano para ano, esta gente se distancia mais do chamado espírito do Natal! Já não se ouvem pelas ruas aquelas cançõezinhas que me deixavam de lágrima ao canto do olho, a sonhar com o calor da lareira dos nossos corações a agasalhar o coração do nosso próximo... E os miúdos não sonham senão com brinquedos, mais e mais brinquedos, trazidos por um velhote gorducho a espremer-se pela chaminé abaixo!

- ... Um pouco caricato - comentou Leila. – Não vos parece que esta gente precisa de alguns ramos de oliveira?

- Pois claro! – concordou o Menino. – Foi para isso que viemos! Podemos começar!

Deram várias voltas aos continentes, soltando sobre a Terra torturada mãos cheias de ramos de oliveira, que desceram sobre as povoações feridas flutuando como penas. Muitos foram espezinhados por pés indiferentes de gente demasiado asoberbada pelas suas próprias preocupações para reparar na estranha chuva que descia nesse entardecer; outros tantos foram esmagados pelas lagartas dos tanques; outros transformaram-se em pó ao contacto de mãos de egoístas empedernidos ou à vista de hipócritas altissonantes; outros foram levados pelas torrentes; mas alguns houve que se agarraram a um torrão seco

para se transformarem numa oliveira que faria renascer a esperança de uma pequena aldeia faminta; outros foram apanhados em pleno voo por mãozitas de crianças maravilhadas, e ali mesmo frutificaram numa abundância de lindas azeitonas reluzentes; outros poisaram no parapeito da janela de homens sábios que pregavam a paz a meia dúzia de ouvidos puros, fazendo-os chorar de alegria; alguns pobres desprezaram a oferta, lançando para trás das costas os raminhos enfezados, enquanto outros encheram de azeitonas os bolsos e de calor o coração... Mas ao cabo de sete voltas completas ao planeta, ainda sobravam ramos de oliveira no saco.

- Isto é mau sinal... - ponderou Jesus, pensativo.

- Fizemos o que pudemos – apaziguou a pomba, arregalando os olhos. – Demos sete voltas ao planeta, conforme está estabelecido, e Leila voou bem devagar e eu diria, perigosamente baixo! Não te resta senão dar-me razão: não voltará a haver uma paz consistente e duradoira entre os povos! Pobre século XXI, pobre de quem o sofre!

- Tens razão, Pomba: pobre século XXI, pobre de quem o sofre...

- Que faremos dos raminhos que nos sobram? – perguntou Leila, apontando o voo na direcção do Túnel do Espaço-Tempo.

- Despejamo-los ao acaso! – decidiu o Menino. - Talvez alguém ainda queira apanhá-los, aqui no século XXI ou a caminho de nossa casa!

Chegaram à Galileia mesmo a tempo da Festa das Luzes.

Separaram-se no olival, à entrada da cova da Pomba da Paz. Leila pegou no penúltimo raminho do saco de estopa, e com grande estardalhaço de asas, partiu para África, decidida a plantar o seu quinhão de paz numa colina do seu conhecimento, onde as crianças das aldeias próximas costumavam brincar ao entardecer. A Pomba da Paz entregou a Jesus o último ramo.

- Não o queres para ti, Pomba, como recordação da nossa viagem?

- Podes ficar com ele; nunca uma viagem destas me foi tão deprimente... Parece-me que vou dormir uma boa soneca, para estar fresquinha para a festa.

Assim dizendo, a Pomba da Paz mergulhou no seu refúgio. Jesus olhou em redor. À luz gloriosa do entardecer, o olival cobria-se de um manto prateado. As aves regressavam aos ninhos. As ondas do mar distante cantavam num quase sussurro. Contagiado pela plenitude do momento, o Menino poisou o ramo numa pedra e orou ao Pai, como costumava fazer à hora tranquila em que o dia se prepara para dormir.

Quando abriu os olhos, tinha a seu lado a mais bela e frondosa oliveira da colina.

(Vamos plantar oliveiras?)

Ana Ferreira da Silva; 23 de Dezembro de 2022